

O CIRCO DO FUTEBOL: PERSONAGENS, TRAMAS E ESTEREÓTIPOS

José Paulo Florenzano¹

RESUMO: O artigo tem por objetivo abordar a questão do racismo ao longo das Copas do Mundo, enfocando, em especial, o contraponto estabelecido pela literatura acadêmica entre os eventos de 1950 e os de 1958. O recorte analítico aqui proposto toma a esfera do futebol como espaço de emergência tanto da afirmação das identidades quanto da sedimentação dos estereótipos envolvendo os jogadores negros. O texto pretende explicitar a lógica racial responsável pela existência das personagens que servem de suporte as representações dominantes acerca dos atletas afro-brasileiros, notadamente a do “malabarista” e a do “pipoqueiro”, consideradas no texto como verso e reverso de uma identidade enredada nas malhas do preconceito e da discriminação.

Palavras-chave: Estereótipos raciais; Copa do Mundo; antropologia do esporte; História Política do Futebol; identidade negra.

THE FOOTBALL'S CIRCUS: CHARACTERS, PLOTS AND STEREOTYPES

ABSTRACT: The article aims to address the issue of racism throughout the World Cup, focusing, in particular, the counterpoint provided by the academic literature between the events of the 1950 and 1958. The analytical approach proposed here considers the soccer environment as a space of emergence for both the affirmation of identities as well as for the establishment of stereotypes related to the black athlete. The text aims to clarify racial logic responsible for the existence of the characters that support the dominant representations about the African-Brazilian athletes, notably of the “malabarista” (juggler) and of the “pipoqueiro” (athlete considered as coward) be seen as in the text front and back of an identity entangled in the meshes of the prejudice and discrimination.

Keywords: Racial stereotypes; World Cup; anthropology of the sport; Political History of the Football; black identity.

A conquista da Copa do Mundo da Suécia, em 1958, pelo selecionado brasileiro, desencadeou uma profusão de discursos de celebração da identidade

¹ Doutor em Antropologia pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor na Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, Brasil. E-mail: jpflorenzano@uol.com.br

nacional. De um modo geral, tais discursos giravam em torno de uma ideia-chave veiculada de forma obsessiva naqueles dias de euforia coletiva, tanto nos comentários das emissoras de rádio, quanto nos artigos e reportagens da imprensa escrita. Com efeito, ao redor da questão racial rodopiavam inúmeras narrativas, convergiam quase todas as conclusões. A crônica esportiva extraía dela uma verdade supostamente inquestionável acerca da nacionalidade e a canalizava para o conjunto da vida social, alcançando os espaços mais distantes, atingindo os segmentos mais alheios ao acontecimento, difundindo uma pretensa verdade cuja força avassaladora agora entrava em choque com as formulações teóricas que haviam vaticinado o atraso inelutável do país, a inferioridade inata da população. Foi preciso aguardar a resposta elaborada no domínio do ritual coletivo para exorcizar os fantasmas do passado e desfazer o mal-estar do presente. A façanha esportiva selada com a vitória de 5 a 2 sobre a Suécia, na decisão do torneio, adquiria o caráter de redenção do ser brasileiro, projetava-o em uma nova dimensão, afirmava-o em toda sua plenitude -, sem hesitações nem ambiguidades. Ela ensejava, sobretudo, o acerto de contas com os que ousaram colocar em dúvida o porvir da nação:

E constatamos que o brasileiro, que Gobineau considerou raça inferior, diante do gol adversário, ao invés de sucumbir, ao invés de entregar-se, demonstrou uma admirável capacidade de luta, e foi à frente, confiante e sereno, fazendo valer a qualidade de nossa gente e da nossa raça.²

Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), “arauto do racismo biológico”,³ adepto do “determinismo racial absoluto”⁴ e diplomata de carreira com ambições políticas,⁵ havia desembarcado no Rio de Janeiro em meados do século XIX trazendo na bagagem as teses esgrimidas no “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas”.⁶ A breve estada nos trópicos lhe reforçara as convicções mais profundas sobre as consequências nefastas da mestiçagem, cristalizadas,

² Cf. “Brasil, Brasil, Brasil!”, *A Gazeta Esportiva*, 2 de julho de 1958.

³ POLIAKOV, Léon. **O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos**. São Paulo, Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1974, p.221.

⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p.63.

⁵ SKIDMORE, Thomas. E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, p.46.

⁶ GOBINEAU, Arthur de. **Essai sur l'ingégalité des races humaines (1853-1855)**. Paris, Éditions Pierre Belfond, 1967. http://classiques.uqac/classiques/gobineau/essai_inega

conforme acreditava, na “degenerescência” genética da população nativa;⁷ na “esterilidade” cultural da nação brasileira;⁸ até mesmo na aparência física das pessoas comuns: “Todo mundo é feio aqui, mas incrivelmente feio: como macacos”.⁹ As teorias raciais consagravam o primado do biológico na explicação do social, ao mesmo tempo em que postulavam o vínculo entre “raça” e nação, situando-as dentro de um campo semântico no qual se forjavam múltiplas conexões de sentido, não necessariamente congruentes entre si, mas direcionadas, de modo geral, à classificação e hierarquização dos grupos humanos, cujas diferenças eram então concebidas como inatas, as distâncias vistas como intransponíveis, as desigualdades encaradas como “naturais” e imutáveis –, expressas em termos físicos, morais e intelectuais.¹⁰ Qualquer movimento encetado para suprimi-las só podia acarretar riscos incalculáveis. De fato, para estas doutrinas “científicas” o anátema maior consistia na miscigenação, considerada, em última instância, responsável pela degenerescência dos povos.¹¹ “Que qualquer um que duvida dos males dessa mistura de raças”, desafiava Louis Agassiz (1807-1873), “venha ao Brasil”. O zoólogo suíço esteve no país em 1865 e assegurava ao leitor incrédulo: “Não poderá negar a deterioração decorrente do amálgama de raças, mais geral aqui do que em qualquer outro lugar do mundo, e que vai apagando, rapidamente, as melhores qualidades do branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental.”¹²

⁷ Cf. MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999, p.42.

⁸ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994, p.29.

⁹ In: SKIDMORE, Preto no branco... op.cit., p.47.

¹⁰ De fato, a crença na existência de “raças” se traduz na crença de que “atributos morais e intelectuais decorrem de atributos biológicos”. FRY, Peter. **A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p.18. Com efeito, “raça” não corresponde à realidade biológica, constituindo-se em uma construção social e histórica, desvelando-se como uma “categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo”. HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (organizadora), Belo Horizonte, UFMG, 2006, p.66. Ver, também, sobre as imbricações de “raça” e de nação, GILROY, Paul. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo, Annablume, 2007, p.50.

¹¹ Cf. Kabengele Munanga, Rediscutindo a mestiçagem no Brasil... op. cit., p.42.

¹² In: Thomas Skidmore, Preto no Branco... op.cit., pp.46/47. Louis Agassiz esteve no Brasil durante uma expedição científica em 1865.

A proeza representada pela conquista da Copa do Mundo, nesse sentido, fornecia a oportunidade ansiosamente aguardada para, no campo em que o país escolhera se reimaginar enquanto comunidade nacional, refutar as doutrinas alienígenas que colocaram em questão o potencial criador do novo tipo antropológico que emergia nos trópicos.¹³ Em sua coluna na *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues evocava os que haviam decretado que “éramos feios”, contestando agora o juízo estético enunciado pelos forasteiros: “Mentira!” E acrescentava em tom de ironia: “Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos”.¹⁴ As considerações de José Silveira, em *A Gazeta Esportiva*, vibravam no mesmo diapasão: “A vitória do Brasil”, salientava o jornalista, “tem um grande sentido. Morre, em nosso coração, o complexo de raça”.¹⁵ De acordo com a crença amplamente difundida na esfera do futebol, o atleta canarinho padecia de uma maldição que o condenava a fracassar nos momentos mais importantes das competições internacionais, como se o espectro de Gobineau o espreitasse em cada lance crucial, se materializasse a cada derrota decisiva: “A tremedeira”, recordava o cronista supracitado, “acompanhou-nos por muito tempo”, mais precisamente até 1958 quando, então, o jogador covarde prefigurado pelas teorias racistas cederia lugar ao campeão mundial sonhado pelos discursos patrióticos:

Desta vez, contra tudo e contra todos, levantamos o campeonato da saúde, o campeonato da técnica, o campeonato da força de vontade, o campeonato da organização, o campeonato da disciplina, o campeonato do patriotismo e - graças a Deus - o campeonato da raça.¹⁶

Uma vitória perseguida com sofreguidão, refletida em vários planos, capaz de dissipar medos atávicos e de desmentir falsas doutrinas, consumada, ademais, por uma esquadra que reunia e encarnava os atributos físicos, as qualidades psicológicas e as virtudes morais que os ideólogos do racismo insistiam em não reconhecer ao povo brasileiro. Eis, em síntese, as asserções ufanistas suscitadas

¹³ Cf. ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

¹⁴ RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. In.: CASTRO, Ruy (org.). **Crônicas de futebol**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p.61.

¹⁵ Cf. “Lavando a alma”, **A Gazeta Esportiva Ilustrada**, 1ª quinzena de julho de 1958.

¹⁶ Matéria citada na nota anterior.

pela conquista do título inédito. Todavia, convém analisar mais detidamente estas narrativas a fim de explicitar o que ficava subtendido nas entrelinhas. Aqui se nos impõe uma pergunta incontornável: porventura a nação que havia conquistado em 1958 o “campeonato da raça” não era a mesma que em 1950 o havia perdido? A questão racial que afluía com tamanha intensidade na Copa da Suécia acaso estivera ausente por completo na Copa do Brasil? De fato, não. Presente nas duas edições, embora de formas diversas, ela nos desvela a existência de uma oposição binária na estrutura simbólica do futebol brasileiro, contraste fundador à luz do qual a derrota da segunda esclarece e define a vitória da primeira, e vice-versa.¹⁷ A análise conjunta das duas competições permite-nos, com efeito, realçar o modo pelo qual parte da imprensa manejava o discurso sobre os acontecimentos produzidos dentro das quatro linhas, ora potencializando-lhes o alcance, ora delimitando-lhes a força de irradiação.

Senão, vejamos: enquanto em 1950 a crônica envidava todos os esforços para definir os marcos do debate e reduzir o significado do evento a “uma simples derrota esportiva”,¹⁸ considerando abusiva qualquer veleidade de extrapolar tais limites; oito anos depois ela lançava mão de todos os recursos retóricos para sublinhar que a conquista, desta feita, não se restringia “à glória esportiva, indo, ao contrário, muito além dos seus limites”.¹⁹ Se o artifício aqui consistia em expandir o valor simbólico do título e inscrevê-lo no cerne da identidade nacional; no caso anterior ele visava diminuir o peso da derrota e circunscrevê-la ao campo de jogo. Nada mais emblemático, nesse sentido, do que o editorial de *A Gazeta Esportiva*, ao que tudo indica de autoria de Thomaz Mazzoni, no qual o proeminente jornalista buscava debelar os rumores e desqualificar os comentários postos em circulação na esfera mais ampla da sociedade, originados, uns e outros, pelos acontecimentos que tiveram lugar no gramado do Maracanã:

Uma opinião leiga engraçada foi aquela segundo a qual não vencemos o campeonato porque somos... fisicamente e...

¹⁷ Cf. Vogel, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Roberto DaMatta (org.) Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, 1982.

¹⁸ “Crítica construtiva”, **A Gazeta Esportiva Ilustrada**, edição comemorativa do Campeonato Mundial de 1950.

¹⁹ Cf. “Cavalheiros do Mundo...” **A Gazeta Esportiva**, 2 de julho de 1958.

biologicamente 'raça inferior'. Quer dizer em 1938 ficaram apenas dois países à nossa frente, em 1950 um somente. Não se leva, pois, em consideração as 'raças fortes e sadias' que ficaram atrás do Brasil.²⁰

O redator-chefe do periódico paulista não nos informa a proveniência da referida opinião, nada diz sobre os estratos sociais por onde ela se propagava, tampouco esclarece com precisão os círculos intelectuais que a cultivavam, erigindo-a em princípio explicativo da derrota futebolística. Mas o simples fato de tê-la abordado em um extenso editorial, a própria necessidade de rechaçá-la no espaço nobre do jornal, permite-nos inferir que os rumores e comentários tornaram-se audíveis e se fizeram incômodos o suficiente a ponto de exigirem uma refutação imediata e contundente. A discussão aberta do delicado tema constituía, porém, antes a exceção do que a regra na cobertura de *A Gazeta Esportiva*, a qual, de resto, preferia cobrir com um manto de silêncio as ilações extraídas do terreno de jogo. Era aí, no entanto, neste silêncio que se alojava a questão racial, subjacente às apreciações envolvendo o desempenho dos jogadores negros na final contra o Uruguai. De fato, como nos mostra a análise de Kabengele Munanga, o racismo *sui generis* praticado no país requer atenção especial quanto à trama semântica tecida com as palavras do preconceito e da discriminação; exige zelo redobrado com a linguagem ambígua que elas compõem e exprimem, com os efeitos de poder que carregam e difundem, com o modo, em suma, pelo qual abrem caminho e forçam o sentido nas narrativas, sem, contudo, romper com as regras tácitas definidas pelo "racismo silenciado".²¹

No caso específico da Copa do Mundo, culpava-se o uso político do selecionado brasileiro na concentração de São Januário; culpava-se o esquema tático adotado pelo técnico Flávio Costa; responsabilizava-se, por certo, o desempenho do conjunto nacional na partida decisiva contra o Uruguai, notadamente os componentes do sistema defensivo: "Dois pontos surgiram como

²⁰ Cf. "Os leigos perante os acontecimentos do campeonato mundial", *A Gazeta Esportiva*, 27 de julho de 1950.

²¹ MUNANGA, Kabengele (org.) **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996, p.80.

fracos”, frisava *A Gazeta Esportiva*, identificando-os em “Barbosa e Bigode”.²² A crônica especializada concentrava-se nos atletas diretamente envolvidos nos gols assinalados pela equipe adversária, razão pela qual acabaram postos na berlinda pelas matérias e artigos que se dedicavam a empreender a anatomia da derrota.²³ O problema, contudo, residia no teor viperino da crítica. A fim de extrair-lhe todo o veneno, no entanto, precisamos, antes, realizar uma rápida digressão através do Triângulo Mineiro, mais exatamente pela cidade de Araxá onde se desenrolava no primeiro semestre de 1950 a preparação da Seleção Brasileira.

Concentrados na aprazível estância desde o final de março, os atletas submetiam-se ali a um rigoroso regime disciplinar que lhes proibia o “uso do álcool”, a prática do jogo de “carteado” e o hábito do “fumo”, ao menos, rezava a cartilha, em “algumas dependências do retiro”.²⁴ Os momentos de folga eram raros e desfrutados sob a mais rigorosa vigilância. Além disso, as atividades no tempo livre precisavam se adequar às normas do bom comportamento instituídas pela hierarquia de comando. Esta, no entanto, via com bons olhos a iniciativa proposta pelo elenco no começo de abril, por ocasião dos festejos do sábado de Aleluia. Segundo *A Gazeta Esportiva*, os jogadores pensavam em se cotizar para adquirir um terno novo e presenteá-lo a “um pobre do local”, recolhendo, em troca, a roupa velha do felizardo a fim de utilizá-la na confecção de um Judas, “que será devidamente sacrificado ao meio dia”.²⁵ Não sabemos se a iniciativa se concretizou e se Barbosa participou dela. De qualquer modo, a proposta talvez lhe tivesse soado de mau agouro à luz dos acontecimentos recentes que atingiram um companheiro de profissão.

Detenhamo-nos no aludido episódio, ocorrido no estádio do Pacaembu, no jogo entre Corinthians e Portuguesa efetuado no sábado à tarde, dia 4 de

²² Cf. “As falhas berrantes do selecionado brasileiro”, *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. Edição comemorativa do campeonato mundial de futebol de 1950.

²³ Cf. Perdigão, Paulo. Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950 – Brasil x Uruguai. Porto Alegre, L&PM, 2000. Cf. Soares, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Ronaldo Helal et. al. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

²⁴ Cf. “Iniciada oficialmente a concentração de Araxá”, *A Gazeta Esportiva*, 29 de março de 1950.

²⁵ Cf. “O Brasil e a Copa do Mundo”, *A Gazeta Esportiva*, 5 de abril de 1950.

fevereiro. Partida eletrizante, com várias reviravoltas no marcador, o prélio teve como desenlace a vitória do alvinegro pelo placar de 5 a 3, alijando, dessa maneira, o rubro verde da disputa do título no torneio Rio-São Paulo. Na edição da segunda-feira o periódico esportivo ressaltava a jornada “infeliz” do “esforçado arqueiro luso”, Hélio Geraldo Caxambu, responsabilizado por dois dos cinco gols sofridos pela Portuguesa.²⁶ Mas enquanto a crônica tratava as falhas com certa compreensão, os companheiros de equipe não demonstravam a mesma condescendência. Ao contrário, elegiam-no em “fator do fracasso” e nos vestiários, após o confronto, dirigiam “insultos ao arqueiro”, sempre de acordo com as informações obtidas pela reportagem. Aos olhos dos dirigentes do clube, porém, a atuação desastrada assumia proporções ainda mais graves. Os boatos davam conta de que o registro profissional havia sido cancelado, que a decisão de colocar a venda o passe estava tomada, que o goleiro, em síntese, achava-se “definitivamente liquidado” e sem lugar na agremiação da colônia lusitana cuja sede localizava-se, então, no Largo São Bento.²⁷

No entanto, de qual “crime” ele se via responsabilizado? Por que os erros cometidos em uma única partida, embora decisiva para as pretensões do clube, revestiam-se de tal gravidade, despertavam semelhante ira? A resposta estava contida em uma frase lacônica cunhada pela matéria de *A Gazeta Esportiva*: “Caxambu esta[va] sob suspeita”.²⁸ Acusavam-no sem provas de ter se vendido para o adversário, facilitando-lhe a vitória. A notícia corria o universo do futebol, provocava “escândalo na cidade” e reduzia a cinzas a reputação do “veterano goleiro”. Em editorial o aludido jornal indagava, não sem ambiguidade: “Que adianta agora desmentir e disfarçar? Ninguém iria inventar tamanha calúnia, contra um jogador que há cerca de 7 anos defende seu clube”.²⁹

Pouco a pouco, porém, a história do suposto suborno perdia força e intensidade, convertendo-se em simples boato, propagado a partir de uma

²⁶ Cf. “Três vezes a Portuguesa anulou a vantagem adversária, mas por fim a vitória do Corinthians se tornou irresistível – 5 a 3!”, **A Gazeta Esportiva**, 6 de fevereiro de 1950.

²⁷ Cf. “Caxambú não tem mais ambiente na Portuguesa de Desportos!”, **A Gazeta Esportiva**, 6 de fevereiro de 1950.

²⁸ Cf. “A Portuguesa é culpada pela caso Caxambu”, **A Gazeta Esportiva**, 7 de fevereiro de 1950.

²⁹ Cf. “A Portuguesa é culpada pela caso Caxambu”, **A Gazeta Esportiva**, 7 de fevereiro de 1950.

situação corriqueira do pós-jogo nos vestiários. De acordo com o periódico paulista, tudo se passara como no provérbio popular, segundo o qual, “quem conta um conto aumenta um ponto”. Já não existia mais certeza a respeito dos insultos dos companheiros de equipe, menos ainda quanto às “justificativas desmoralizantes” veiculadas pelos diretores do clube. Trocando em miúdos, um lamentável mal entendido que deixava, no entanto, profundas sequelas para a carreira profissional de um “leal e veterano defensor” da Portuguesa, o qual, além disso, exercia o cargo de presidente do recém-fundado Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo. Em um artigo publicado no número de lançamento da revista “*Tricolor*”, Caxambu ressaltava a importância da nova entidade para o conjunto da categoria profissional: “Trabalhador, como qualquer outro, o futebolista necessitava dar uma demonstração de consciência coletiva, com senso classista”.³⁰

Entretanto, como ele próprio destacava no referido artigo, a fundação do sindicato em 1947 fora “recebida, a princípio, com certa desconfiança”. Por quem, torna-se desnecessário dizê-lo. Mas talvez a obra de desmoralização de um atleta profissional que, ao mesmo tempo, desempenhava a função de presidente do órgão de combate da categoria, contenha algo mais do que uma simples coincidência. O que, no entanto, não comportava dúvida era a conotação racial de que se revestia o episódio, explicitada, de resto, na observação formulada por *A Gazeta Esportiva* a propósito do revés diante do Corinthians: “A Portuguesa perdeu e Caxambu foi colocado no pelourinho”.³¹ O ignominioso episódio, ocorrido às vésperas da Copa do Mundo, certamente não passara despercebido a Barbosa, constituindo antes um prenúncio do que lhe aguardava caso incorresse em falhas semelhantes àquelas atribuídas ao goleiro negro do time do Largo São Bento. O “pelourinho” do futebol deve ter colocado em alerta também o médio esquerdo do Flamengo, João Ferreira, alcunhado Bigode. Para

³⁰ Cf. “A vitória dos atletas profissionais”, Hélio Geraldo Caxambu, revista nº 1, “**Tricolor**”, julho de 1949.

³¹ Cf. “Um ‘romance’ como tantos outros”, **A Gazeta Esportiva**, 7 de fevereiro de 1950. Conforme consta no verbete Pelourinho, do Dicionário da escravidão negra no Brasil, Moura, Clóvis. São Paulo, Edusp, 2004, p.309: “Ali, além dos escravos, castigavam-se os criminosos apanhados pelos quadrilheiros e os capoeiras que usassem armas proibidas”.

mostrá-lo, porém, devemos retornar mais uma vez à concentração do selecionado nacional na aprazível estância do Triângulo Mineiro.

Perto do fim de abril, a imprensa esportiva registrava com alívio e satisfação a inexistência de qualquer “caso” envolvendo os atletas reunidos na cidade de Araxá onde a preparação do elenco caminhava aparentemente sem sobressalto. Sem dissimular a euforia com o andamento dos trabalhos, ela aduzia para a tranquilidade dos leitores que ali reinava a mais absoluta “união de pensamento entre dirigentes, jogadores e jornalistas”.³² Seria justamente esta visão idílica que o comportamento de Bigode acabaria por perturbar e colocar em risco. De acordo com o relato jornalístico, convém frisar, não isento de um viés regionalista, durante o último coletivo realizado no mês de abril o médio esquerdo do Flamengo, Bigode, após ser fintado pelo centroavante do Corinthians, Baltazar, acertara-lhe “covardemente” um pontapé, motivando a suspensão imediata do exercício e a admoestação severa do técnico.³³ *A Gazeta Esportiva*, por sua vez, aproveita a paralisação do treino para alertar os responsáveis pela preparação do time nacional quanto aos riscos de manter no elenco o jogador do rubro-negro:

Se Bigode não pode controlar seus nervos sequer em exercícios, o que não poderá acontecer quando este elemento [sic] for atingido por um adversário numa partida da Copa do Mundo que eventualmente venha a atuar? Este jogador, positivamente, não serve.³⁴

Os ingredientes da futura condenação de João Ferreira haviam sido antecipados na matéria relativa ao incidente que o envolvera com Baltazar. Todavia, se, na fase de preparação, a crítica endereçada ao jogador incidia na violência empregada contra os adversários, no período da competição, ao contrário, ela se justificava pela ausência de resposta à violência que o atingira, cristalizada na suposta bofetada desferida por Obdulio Varela. Com efeito, mais do que o arqueiro do Vasco da Gama, as invectivas suscitadas pela perda da Copa do Brasil recaíam sobre o médio esquerdo do Flamengo. Aos 78 anos de

³² Cf. “Araxá será um marco no progresso de nosso futebol”, **A Gazeta Esportiva**, 18 de abril de 1950.

³³ Cf. “Magnífico o derradeiro exercício da Seleção Brasileira em Araxá”, **A Gazeta Esportiva**, 24 de abril de 1950.

³⁴ Cf. Cf. “Magnífico o derradeiro exercício da Seleção Brasileira em Araxá”, **A Gazeta Esportiva**, 24 de abril de 1950.

idade, numa entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, ele assumia – resignado – a condição de bode expiatório do drama futebolístico, encerrando, dessa maneira, a triste disputa travada com o colega de infortúnio: “Eu fui mais criticado, lógico”.³⁵ A crítica, a rigor, abrangia todo o elenco e se revestia amiúde de uma conotação emotiva muito intensa: “Os jogadores nacionais contraíram tamanha dívida que jamais poderão saldá-la”.³⁶ Não obstante, ela também recorria ao estereótipo racial como estratégia discursiva para estabelecer a individuação da culpa. Além da invenção da bofetada que o despojava do atributo da virilidade e o transformava em um atleta incapaz de representar a nacionalidade, havia, sobretudo, o segundo e decisivo gol que selara a sorte da partida e o destino de Bigode, condenado sem direito à defesa ao mesmo “pelourinho” pelo qual havia passado Caxambu, como nos mostra a leitura do processo que lhe movia boa parte da imprensa:

Bigode, todos nós o sabemos, jamais foi um jogador de classe, limpo, escolástico. É o craque que atua vertiginosamente sob a ação dos instintos. Capaz de salvar todos os gols da vitória para acabar, no fim, metendo a bola em suas próprias redes. Um jogador de estilo cheio de impurezas, onde a energia física há de cobrir todo o seu desarrazoado técnico, se quiser cumprir a missão.³⁷

A reportagem de *A Gazeta Esportiva Ilustrada* atribuía o dramático desfecho da partida à “falha na marcação” do defensor brasileiro que não soube deter as incursões do ponteiro Gigghia. Sem dúvida, pode-se falhar por deficiência técnica, despreparo físico ou desatenção tática. Mas, a par destas justificativas de ordem esportiva, o texto acrescentava juízos de valor arraigados no imaginário social a respeito dos negros e os enunciava de acordo com a etiqueta estabelecida no campo das relações raciais, isto é, não de forma direta, em letras garrafais, mas com alusões, duplos sentidos, sinais suficientes, todavia, para

³⁵ Cf. “Procuró sair de fininho”, conta Bigode”, *Folha de S. Paulo*, 16 de julho de 2000.

³⁶ Cf. “A ‘torcida’ brasileira merecia melhor recompensa”, *A Gazeta Esportiva*, 18 de janeiro de 1950.

³⁷ Cf. “A vitória da tática”, *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. Edição comemorativa do campeonato mundial de futebol de 1950. A transformação do atleta em bode expiatório era criticada no próprio jornal: “Mas valerá a pena jogar sobre os ombros de um único homem todo o peso de uma catástrofe que ruiu coletivamente?” *A Gazeta Esportiva*, coluna: “Todos Nós”, 18 de julho de 1950.

conduzir o leitor à outra ordem de considerações.³⁸ De fato, para nos atermos a um único exemplo pinçado de uma citação eivada de preconceitos e estereótipos, qual o significado da expressão: “estilo cheio de impurezas”?³⁹ No entanto, se em termos futebolísticos ela nada esclarecia a respeito da atuação de Bigode, em termos “raciais” lhe conferia inteligibilidade, deixando entrever, no conteúdo das críticas endereçadas ao jogador, a persistência das proposições teóricas elaboradas pelos expoentes do racismo pseudocientífico. Era como se, por trás do “tremor” atribuído aos atletas de ascendência africana, subsistisse recôndito e intacto o temor alimentado por antigas crenças raciais. Dir-se-ia que o vaticínio formulado pelo médico maranhense, Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), ainda assombrava o imaginário social. Pioneiro na área dos estudos de etnologia afro-brasileira e de medicina-legal, ele acreditava que a “raça” negra haveria de “constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade”.⁴⁰

Através da derrota na final da Copa do Mundo as elites nacionais voltavam a se defrontar com o “problema do negro” formulado por Nina Rodrigues, vendo-se mais uma vez “face a face com essa esfinge do nosso futuro”.⁴¹ Simbolizada circunstancialmente pela figura do atleta João Ferreira, ela desafiava a crônica esportiva a lhe decifrar o enigma. O jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, dedicava-se com afinco à tarefa, destacando a dificuldade de Bigode em conter as arrancadas do avante da Celeste Olímpica, “amedrontando-se ante a sua ligeireza, deixando-se enganar com relativa facilidade”. Definitivamente, aduzia o periódico carioca, o “nosso médio esquerdo sentiu o peso da responsabilidade e, provavelmente, esteve apavorado”.⁴² *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, por outro lado, encarregava-se de completar o trabalho de decifração, publicando, alguns

³⁸ Cf. Bastide, Roger; Fernandes, Florestan. **Branco e Negro em São Paulo**. 4 ed. São Paulo, Global, 2008.

³⁹ Sobre os estereótipos raciais, ver Fernandes, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. São Paulo, Global, 2007. Em especial o capítulo: Representações coletivas sobre o negro: o negro na tradição oral. Ver, também, Bastide, Roger; Fernandes, Florestan. **Branco e Negro em São Paulo**. 4ª ed. São Paulo, Global, 2008. Ver também Rosenfeld, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo, Editora Perspectiva / Edusp / Editora da Unicamp, 1993, p.27.

⁴⁰ Rodrigues, Raimundo Nina. **Os Africanos no Brasil**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1988, p.7.

⁴¹ Nina Rodrigues, Os Africanos... op. cit. p.1 Apud Thomas Skidmore, Preto no branco... op. cit. 75.

⁴² Cf. “Magnífica vitória do Uruguai!”, *A Noite*, 18 de julho de 1950. Não foi o único. De acordo com o jornal carioca, o arqueiro Barbosa também se “amedrontou”.

anos mais tarde, uma foto do atleta no vestiário calçando as chuteiras, preparando-se para o exercício da profissão, desafiando, com tal gesto, as matérias e artigos que o davam como “morto” para o futebol.⁴³ A legenda que acompanhava a referida foto solicitava a atenção especial dos leitores para a imagem que tinham diante dos olhos:

Vejam esta fisionomia. Estudem o perfil grotesco deste homem que aprendeu em 1950 que se ganha uma partida com gritos e gestos. Alguns riem de Bigode quando lembram as cenas do Maracanã.⁴⁴

A personagem do jogador-covarde, no entanto, precedia os acontecimentos de 1950 e estava destinada a sobreviver-lhe. Quer avancemos rumo à década de setenta, quer recuemos em direção à década de trinta, reencontramo-la invariavelmente ligada ao segmento afro-brasileiro. Vejamos os autos do processo. Por causa da derrota do Brasil na Copa da França, em 1938, corria na imprensa esportiva a versão segundo a qual a ausência de Leônidas da Silva na semifinal disputada contra a Itália, em Marselha, não fora motivada por uma contusão muscular conforme alegava o atacante, mas por razões inconfessáveis. Cerca de cinquenta anos após o episódio, *O Estado de S. Paulo* ainda nutria a suspeita sobre o episódio e interpelava o ex-atleta em termos inquisitoriais: “Dizem que você não jogou contra a Itália porque afinou. Explique-se”.⁴⁵ Em 1954, na Copa da Suíça, a eliminação do selecionado nacional para o time da Hungria também deixara sequelas nos protagonistas da assim denominada

⁴³ Cf. “Bigode: ‘ressuscitou`duas vezes”. **A Gazeta Esportiva Ilustrada**, nº 28, 2ª quinzena de 1954. “Embora em duas ocasiões dado como ‘morto`... para o futebol, o vigoroso médio mineiro permanece na ativa, dando muita dor de cabeça aos ponteiros”.

⁴⁴ Cf. “O carrancudo Bigode”, **A Gazeta Esportiva Ilustrada**, nº10, 1ª quinzena de janeiro de 1954. Mas segundo o retrato esboçado pela revista, o atleta havia aprendido a lição: “Numa parada dura, ele ainda é ‘pau-brasil`... Será integrante necessário do selecionado da CBD caso predomine esta fórmula”. Noutras palavras, Bigode era julgado, ao mesmo tempo, como covarde e violento.

⁴⁵ Cf. “As histórias de Leônidas, o Diamante Negro”, **O Estado de S. Paulo**, 11 de maio de 1980. Thomaz Mazzoni corrobora a tese da contusão ocorrida na partida do dia 16 de junho, em Bordeaux contra a Checoslováquia: “Distensão muscular, não poderia suportar um novo prélio” dois dias depois. Cf. “O Brasil na Taça do Mundo 1938”, São Paulo, **Edições e Publicações Brasil**, 1938, p.47. A rigor, segundo o próprio atleta, já no primeiro jogo contra a Checoslováquia ele havia saído de campo com um “início de distensão”. Cf. “Leônidas sem microfone”, **A Gazeta Esportiva Ilustrada**, nº308, 2ª quinzena de agosto de 1966. Quanto ao termo “afinar”, de acordo com o dicionário publicado pela Revista Placar, significava: “Ter medo; fugir (o jogador) ao choque com o adversário”. Cf. “Dicionário de Futebol”, redação Prof. Geraldo Monteiro de Barros, **Revista Placar**, nº94, 31 de dezembro de 1971.

Batalha de Berna. De acordo com a revista *Placar*, a versão que corria à época dizia que Didi “tremia tanto” diante dos adversários que “só caía” em campo.⁴⁶ Em 1974, a derrota do Brasil para a Holanda, na fase decisiva da Copa da Alemanha, autorizava o vetusto periódico a enviar ao banco dos réus “Paulo César Crioulo” sob a acusação de ter atuado como “Paulo César Pipoca”. Para que não pairasse nenhuma dúvida a respeito do veredicto, a reportagem esclarecia que o termo “pipocar”, no jargão do futebol, significava “acovardar-se”.⁴⁷ Enfim, na Copa da Argentina, em 1978, diante de nova desclassificação, o papel estava mais uma vez à espera do ator negro, representado desta feita pelo atacante Jorge Mendonça, “acusado”, como nos casos precedentes, de ser um jogador “pipoqueiro”.⁴⁸

Sem dúvida, o termo “pipoqueiro” não se aplicava única e exclusivamente aos atletas afro-brasileiros, sendo também utilizado para rotular inúmeros profissionais brancos, como, por exemplo, Zico.⁴⁹ Não obstante, a forma recorrente como ele ou alguma expressão equivalente recaía e ceifava a reputação dos primeiros, sobretudo nos momentos de insucesso do selecionado nacional, não pode ser colocado apenas na conta da mera coincidência. Ao contrário, a análise das edições da Copa do Mundo permite-nos explicitar a estratégia discursiva baseada em um estereótipo racial que se perpetuava ao longo do tempo, adquirindo novas roupagens para reiterar e fixar antigas imagens. De certa forma, a personagem do “pipoqueiro” emergia no início dos anos setenta como uma espécie de sucedâneo simbólico do complexo de viralatas, sem, obviamente, a dramaticidade que Nelson Rodrigues emprestava a esta

⁴⁶ Cf. “Os mineiros amarelaram?” revista *Placar*, nº 427, 30 de junho de 1978.

⁴⁷ Cf. “E Paulo César ainda se defende”, **O Estado de S.Paulo**, 6 de julho de 1974. O já mencionado Dicionário de Futebol, no entanto, definia “pipocar” em termos mais brandos: “Saltar para evitar o choque físico com o adversário”. Cf. **Revista Placar**, nº 98, 28 de janeiro de 1972. Ao que parece, a expressão surge na passagem dos anos sessenta para os anos setenta como um eufemismo para designar o atleta julgado como “covarde”.

⁴⁸ Cf. “Jorge Mendonça, a tentativa de repetir ídolos que ressurgiram”, **O Estado de S.Paulo**, 10 de fevereiro de 1980. O meia do Palmeiras não foi o único posto sob suspeita. “Os mineiros amarelaram?”, indagava a respeito de Cerezo e Reinaldo a manchete da revista *Placar*, nº 427, 30 de junho de 1978. O centroavante do Atlético comemorava os gols com o gesto característico dos Panteras Negras, braço erguido e punho cerrado e reagia às insinuações da imprensa esportiva: “Será que não compreendem que isso atinge o caráter da gente?”

⁴⁹ Cf. “A força do gênio”, **Revista Placar**, nº 309, 12 de março de 1976. Eis a forma como a reportagem retratava a trajetória de Zico: “De pipoqueiro a ídolo nacional”.

noção.⁵⁰ Pois, se o referido complexo implicava a todos e a cada um de nós, como dizia o polêmico dramaturgo, para o discurso da imprensa esportiva, de um modo geral, o conceito se ajustava, em especial, aos jogadores negros.⁵¹ A Copa de 1954, quase sempre esquecida pelas narrativas sobre a participação do Brasil nos Mundiais, situada entre o “fracasso” e o êxito paradigmáticos do nosso futebol, contém, no entanto, um episódio que pode nos ajudar a esclarecer melhor o modo como operava o aludido ajuste.

Senão vejamos: ao término da Copa na Suíça Thomaz Mazzoni dedicava-se à árdua tarefa de serenar os ânimos diante de mais uma eliminação do Brasil: “Tudo que estava ao nosso alcance foi feito”, ponderava o jornalista: “Não faltaram desta vez: disciplina, fibra, luta, dever”. Se houve um culpado pelo revés ele atendia pelo nome de Arthur Ellis, o árbitro inglês da fatídica partida contra a Hungria. Sendo assim, paulatinamente o artigo persuadia o leitor da correção e bravura do time auriverde, do senso de responsabilidade dos atletas no cumprimento da missão patriótica que lhes havia sido confiada. Mas, então, quando os espíritos pareciam apaziguados e as responsabilidades pela derrota equanimemente distribuídas entre os integrantes do elenco, eis que, de repente, a análise desenvolvida no artigo sofria uma inesperada inflexão, voltando atrás nos argumentos apresentados, substituindo o enfoque no desempenho geral da equipe para deter-se na atuação pormenorizada de um atleta em especial, A mudança de perspectiva principiava com um lamento: “além de escorregar muito”, frisava o texto, “Didi deixou de ser a chave do nosso ataque”. Por que o “principal construtor” da equipe se absteve de municiar a linha ofensiva? A resposta apontava para o combate travado no gramado de Berna. Após acertar

⁵⁰ Esta hipótese interpretativa encontra-se inspirada no trabalho do sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. **Classes, Raças e Democracia**, São Paulo, Editora 34, 2002, p.54. Ver, também, Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia:1940-1960. In: **Raça, ciência e sociedade**, op.cit.

⁵¹ “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol”. Nelson Rodrigues, op. cit. ,p.52. Apud Antunes, Fátima Martin Rodrigues Ferreira, **“Com brasileiro não há quem possa!”** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo, Editora Unesp, 2004, p.282. Consoante a análise da autora: “Dramático e dialético, Nelson Rodrigues saiu em busca das raízes da excessiva humildade que acreditava existir no brasileiro e, nesse percurso, concluiu que ele vivia um dilema permanente e insolúvel: reconhecia a origem multirracial, mas oscilava entre sua valorização positiva – moleque genial – ou negativa – vira-latas, subdesenvolvido -, em geral associadas à vitória e à derrota experimentada na prática esportiva”.

“em cheio” vários adversários, ele compreendera que se acaso “tentasse fintar e superá-los de perto seria pisado como represália”:

Furtou-se, daí, a disputar a bola de perto e infiltrar-se, perdeu-se numa combatividade apenas vulgar, não pôde mais sugerir as tramas como o sabe. Nesse retraimento de Didi vão o senão e a causa de não termos vencido o jogo no segundo tempo, pois o ataque brasileiro esteve sempre comandando as iniciativas, sem aquelas situações que Didi deveria criar se estivesse jogando destituído da preocupação de ser vítima da brutalidade contrária.⁵²

Adotando as regras de polidez instituídas no quadro das relações entre brancos e negros na sociedade brasileira, utilizando a habilidade requerida para contornar o “tabu da cor” instituído pelo mito da democracia racial, Thomaz Mazzoni ia pouco a pouco trajando a figura de Didi com as vestimentas inconfundíveis da pusilanimidade, sem, contudo, mencionar a palavra ao longo do artigo.⁵³ Ademais, contradizendo o que havia tão enfaticamente posto em relevo nas suas considerações iniciais, o jornalista induzia agora o leitor a acreditar que “desta vez” também não se verificara a fibra necessária para sobrepujar o adversário, ao menos, por parte de determinados atletas. A esfinge representada pelo jogador negro continuava dessa maneira a desafiar os analistas esportivos. Mas de modo geral o discurso elaborado pela imprensa não se prendia a uma sentença definitiva, não lidava com um fato consumado, admitindo, ao invés disso, a possibilidade concreta de uma evolução contínua, a existência efetiva de um atleta redimível. Nesse sentido, antes mesmo da consagração na Copa da Suécia, *A Gazeta Esportiva Ilustrada* citava Djalma Santos como exemplo de uma mudança benfazeja e o apresentava aos leitores como um

⁵² Cf. “Arthur Ellis, o decrepito e faccioso, eliminou os brasileiros do Mundial”, **A Gazeta Esportiva Ilustrada**, edição comemorativa do Campeonato Mundial de Futebol, 1954, São Paulo, julho de 1954.

⁵³ A narrativa da democracia racial, conforme a análise de Kabengele Munanga, “exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade”. Rediscutindo a mestiçagem... op. cit., p.80 Esse “ideal de democracia”, observa, por sua vez, Roger Bastide, “impede as manifestações demasiado brutais” do preconceito, “disfarça a raça sob a classe, limita os perigos de um conflito aberto”. Brancos e Negros em São Paulo, op. cit., 155. Para Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, *Classes, raças e democracia*, op. cit., p.55, trata-se de uma ideologia historicamente datada, “que reinou sem grande contestação, grosso modo, dos 1930 aos 1970”, período que corresponde ao recorte temporal adotado no presente artigo.

“jogador livre de complexos”, isto é, bem entendido: “Sem tremedeiras”.⁵⁴ Não obstante, o título mundial não excluía a hipótese de uma súbita regressão, de uma queda imprevista na condição original. Noutras palavras, a trama do preconceito e da discriminação mantinha o jogador negro como candidato em potencial ao papel de bode expiatório em caso de derrota; mas, em contrapartida, por ocasião da vitória, restringia-lhe a margem de afirmação da identidade, a qual acabava invariavelmente submersa pela celebração da “superioridade do futebol caboclo”.⁵⁵

Havia, portanto, um duplo movimento acionado ao sabor dos resultados obtidos nas competições internacionais. Quando o selecionado brasileiro experimentava o revés nos gramados, como em 1950, a narrativa do evento esportivo dissociava a identidade nacional da identidade negra, traçava um círculo em torno desta última e a classificava na categoria do jogador covarde.⁵⁶ Por outro lado, no momento em que ele alcançava o êxito no campo de jogo, como em 1958, desencadeava-se a operação inversa, consubstanciada na exaltação do assim denominado futebol caboclo, noção empregada pelo jornalista Thomaz Mazzoni para denotar a mistura racial e diluir dentro dela os contornos da identidade negra, recusando-lhe, como argumenta Kabengele Munanga, o direito à existência em nome da ideologia da mestiçagem.⁵⁷ O quadro, no entanto, para além do duplo movimento acionado pela contingência dos resultados, comportava, ainda, uma armadilha sociológica construída com base no vínculo entre classe social, grupo étnico e prática lúdica, inter-relação condensada no estereótipo racial que associava o ser negro ao ser pobre e ao ser

⁵⁴ Cf. “Não sonhava ser craque o maior médio direito do mundo”, **A Gazeta Esportiva Ilustrada**, 1ª quinzena de julho de 1955.

⁵⁵ Cf. “O Mundo aos pés do Brasil”, Thomaz Mazzoni, **A Gazeta Esportiva**, 30 de junho de 1958. Como aponta o trabalho de Fátima Antunes, op. cit. pp.284-285, as crônicas de futebol “eram portadoras de um projeto para a nação brasileira”. Enfocando os textos de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, a autora nos mostra que, de um modo ou de outro, todos eles concediam à “identidade mestiça” um lugar privilegiado no referido projeto. Ver, também, sobre o tema, Wisnik, José Miguel. O futebol mulato. In: **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

⁵⁶ Cf. Roos, Alexandre. **Les Athlètes Africains-Américains et les Mouvements pour L'Égalité Raciale**. Paris, L'Harmattan, 2006. Esta avaliação constava da crítica elaborada pelos atletas negros norte-americanos ao racismo nos Estados Unidos, em especial, por Tommie Smith no Atletismo.

⁵⁷ Kabengele Munanga, Rediscutindo a mestiçagem... op. cit. 124.

atleta.⁵⁸ Romper esta moldura determinista na qual o integrante do segmento afro-brasileiro via o horizonte profissional limitado à esfera do futebol, designada pela sociedade como o lugar “natural” que lhe cabia na sociedade, constitui, hoje, uma luta imperativa para assegurar sua ascensão aos postos de poder, prestígio e riqueza comumente reservados aos brancos. Mas escapar à armadilha sociológica não implica esquecer que o campo simbólico do futebol também foi utilizado como terreno de autodefinição dos negros, alicerçada no resgate da origem comum, no reconhecimento da experiência compartilhada, na afirmação de uma comunidade de destino.⁵⁹

Com efeito, fora do espaço privilegiado das Copas do Mundo, nas margens do sistema, o processo de construção da identidade negra adquiria uma significação inesperada, recortada contra um pano de fundo constituído pelos campos de várzea.⁶⁰ Ali, os times amadores de São Paulo permaneciam em plena atividade, revezando-se no terreno de jogo, medindo forças entre si. Baseados nos laços tecidos pelo trabalho, nos vínculos forjados na escola, nas relações de amizade vivenciadas nos bairros, eles ocupavam os vãos livres da metrópole. Conquanto possuíssem como denominador comum o prazer lúdico proporcionado pelo jogo de bola, os times assim constituídos exprimiam também identidades culturais subjugadas, veiculavam mensagens políticas proscritas, ou, suprema ironia, cultivavam a memória de personagens marcantes que ousaram externar uma dissidência corajosa em relação à popularização do futebol no

⁵⁸ Araújo, Joel Zito. Identidade racial e estereótipos sobre o negro na TV brasileira. In: **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães e Lynn Huntley. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.79. Ver, também, Peter Fry, op. cit., pp..256/344.

⁵⁹ Cf. d'Adesky, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro, Pallas, 2001, p.142. O autor define “negro como sendo qualquer pessoa de origem ou ascendência africana suscetível de ser discriminada por não corresponder, parcial ou totalmente, aos padrões estéticos ocidentais e cuja projeção social de uma imagem inferior ou depreciada representa a negação do reconhecimento igualitário, fonte de exclusão e de uma opressão fundamentadas na dupla denegação dos valores da identidade grupal e das heranças cultural e histórica”.

⁶⁰ Convém ter o cuidado metodológico apontado por Kabengele Munanga, *Negritude*, op. cit., p.11, e discernir, na discussão em tela, de qual identidade se trata: “identidade atribuída pelos estudiosos através de critérios objetivos, identidade como categoria de autodefinição ou autoatribuição do próprio grupo, identidade atribuída ao grupo pelo grupo vizinho?”

país.⁶¹ Dessa maneira, em meados de 1950, enquanto o selecionado nacional se preparava para a disputa da Copa do Mundo, *A Gazeta Esportiva* registrava as atividades do Clube Negro de Cultura,⁶² da Frente Negra do Brasil⁶³, ou, ainda, do Grêmio Esportivo Lima Barreto.⁶⁴

Futebol, política e literatura se entrelaçavam nos campos de várzea na reivindicação intransigente da identidade negra. No outro extremo do campo esportivo, nas partidas do selecionado nacional, jogadores como Barbosa e Bigode, dentre outros, representaram-na com heroísmo, suportando as acusações de covardia, sobrevivendo aos estigmas da derrota, levando adiante com dignidade as respectivas carreiras. A partir de um olhar menos condicionado pelos problemas “raciais” que afligiam as elites nacionais, podemos reconhecer o mérito de uma geração que havia elevado o prestígio e projetado a admiração pela mitologia do futebol-arte graças à campanha arrebatadora empreendida em 1950, semelhante, sob muitos aspectos, àquela realizada em 1982 pelo time de Sócrates, de Zico e de Falcão.⁶⁵ Do contrário, como interpretar os inúmeros convites provenientes de todos os cantos do globo para a exibição dos “malabaristas” da bola?⁶⁶ Ainda antes do Mundial de 1954, somente do Rio de Janeiro, encontravam-se em excursão pelos gramados da Europa, dos Estados Unidos e da África cerca de cinco times, incluindo os assim

⁶¹ As críticas de Lima Barreto ao futebol possuíam, dentre outras razões, as distinções sociais e “raciais” impostas pelos times aristocráticos, como nos mostra o historiador Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. **FootballMania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, pp.225-226:: “Ao ver nos sócios dos grandes clubes os herdeiros dos antigos senhores de escravos, Lima enxerga no futebol uma das formas de continuação da dominação exercida, durante décadas, pelo regime escravista. Trocando a violência pela humilhação de quem paga impostos para sustentar, com as subvenções oficiais, um jogo ao qual não tem acesso, o futebol aparece no texto de Lima como um poderoso e eficaz instrumento de domínio utilizado por uma ‘raça’ que se julga ‘eleita por Deus, graças à suas habilidades nos pés’”.

⁶² Cf. “No mundo do futebol amador”, **A Gazeta Esportiva**, 8 de junho de 1950.

⁶³ Cf. “No mundo do futebol amador”, **A Gazeta Esportiva**, 29 de junho de 1950.

⁶⁴ Cf. “No mundo do futebol amador”, **A Gazeta Esportiva**, 22 de junho de 1950.

⁶⁵ O paralelo entre os selecionados de 1950 e 1982 permite constatar também os temas recorrentes na história do futebol brasileiro. Nesse sentido, nas eliminatórias para a Copa de 1954, o público no Maracanã dedicara ao time nacional uma sonora vaia porque a vitória contra o Chile se limitara ao placar mínimo de um a zero. Em sua coluna, o médico Paulo de Godoy questionava o comportamento do público: “Por que exigir espetáculo e teatro em campo de futebol?” E recordava os nostálgicos: “Em 1950 goleamos a Espanha e perdemos o campeonato”. Cf. “Vaia lamentável”, **A Gazeta Esportiva**, 17 de março de 1954.

⁶⁶ Cf. “Zizinho sempre Zizinho”, **A Gazeta Esportiva**, 5 de janeiro de 1954. O termo, comumente utilizado pela crônica europeia, permite divisar os estereótipos que cercavam o atleta brasileiro, conforme veremos na sequência do texto.

chamados pequenos: o São Cristóvão, o Olaria e o Bangu de mestre Ziza.⁶⁷ Aliás, saturado com a busca incessante de uma explicação para o revés do Maracanã – ou, nas palavras do historiador Bernardo Buarque, com a “obsessão pelo fracasso”⁶⁸ -, Zizinho fez um desabafo sob a forma de um desafio: “Será que não notam que estão sendo chatos, fazendo com que a gente responda as mesmas perguntas há 50 anos?”⁶⁹ Sem dúvida, precisamos mudar as indagações sobre o selecionado nacional, encará-lo sob um novo prisma, reivindicá-lo enquanto um time extraordinário cujos feitos foram amplamente reconhecidos pela crítica e pela plateia estrangeiras, conforme assinala o historiador Fábio Franzini.⁷⁰

A mudança de perspectiva, contudo, nos coloca diante de uma nova representação social acerca do jogador negro, internamente execrado como “pipoqueiro”, externamente exaltado como “malabarista”, verso e reverso de uma mesma identidade, no primeiro caso, despojada da masculinidade viril requerida para representar a nacionalidade nos confrontos internacionais; no segundo caso, desprovida da seriedade necessária para exercer uma atividade direcionada para a busca de resultados. De fato, em meados da década de setenta, de passagem pelos trópicos, o técnico da então Alemanha Ocidental, Helmut Schön, com a autoridade conferida pelo título mundial recém-conquistado, não hesitava em reprovar o estilo de jogo dos nativos, advertindo-os: “Habilidade só não adianta. Isso é coisa de circo”.⁷¹ A crítica esnobe do treinador alemão não constituía propriamente uma novidade, tampouco deixava de encontrar adeptos na imprensa local. Em 1956 *A Gazeta Esportiva Ilustrada* trouxe a lume extenso artigo da lavra de Pompílio Plácido Belinho sobre as mazelas do selecionado nacional. Após repassá-las uma a uma com o rigor de um médico sanitarista, o nobre autor recomendava como medida profilática erradicar “essa mentalidade de globetrotter” do jogador brasileiro; curá-lo da

⁶⁷ Cf. “Cinco clubes cariocas na Europa”, 24 de março de 1954; “Em Toulouse hoje o Bangu”, 9 de abril de 1954; “Brilhou na Tunísia o futebol brasileiro”, 6 de maio de 1954; “Em Nova York o Olaria”, 12 de junho de 1954. Todas as matérias publicadas em **A Gazeta Esportiva**.

⁶⁸ Hollanda, Bernardo Buarque de. Obsessão pelo fracasso. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n°100, pp.95-97, janeiro de 2014.

⁶⁹ Cf. “Domingo é que dia mesmo?`, diz Zizinho”, **Folha de S. Paulo**, 16 de julho de 2000.

⁷⁰ Franzini, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. **Revista de História**, Dossiê História e Futebol, São Paulo, Humanitas / FFLCH/USP, n°163, p.243-274, 2° semestre de 2010.

⁷¹ Cf. “Futebol não é circo”, **Revista Placar**, n°374, 24 de junho de 1977.

insaciável “volúpia” do drible; fazê-lo compreender que o futebol não se constituía em um “espetáculo circense”, mas sim em uma atividade “séria”.⁷²

A crítica de Helmut Schön, portanto, estava longe de refletir a posição idiossincrática de um treinador estrangeiro obcecado com o imperativo da vitória. Ela remontava longe no tempo, mergulhava fundo no imaginário, traduzia um amplo consenso a respeito do caráter exótico do futebol brasileiro, cujo *circo* oferecia às plateias do Ocidente um repertório bastante diversificado de atrações que incluía desde a apresentação do selecionado de 1950 como uma “orquestra negra” capaz de hipnotizar os adversários,⁷³ até a caracterização dos campeões de 1958 como a versão futebolística dos “Globetrotters”,⁷⁴ passando, ainda, pelo tradicional número dos atletas transfigurados em “macaquitos”.⁷⁵ Os atores em cena podiam tanto receber aplausos dúbios quanto colher insultos raciais, serem ao mesmo tempo elogiados e criticados como “malabaristas”, ou, ainda, execrados sob a suspeita de “pipocar”, “tremar” ou “afinar”, expressões conexas empregadas pelo senso comum para designar a personagem do jogador covarde.

De fato, os papéis prescritos ao jogador negro eram em grande parte intercambiáveis. Enviado por *A Gazeta* para realizar a cobertura da Copa da França, Thomaz Mazzoni realçava o nome daquele que para ele encarnava no mais alto nível a habilidade atribuída ao futebolista brasileiro: “Estamos certos

⁷² Cf. “Visão ampla do futebol brasileiro”, **Revista A Gazeta Esportiva Ilustrada**, nº65, 1ª quinzena de julho de 1956.

⁷³ Cf. “Per Rio, passaporti alla mano”, *Lo Sport Illustrato*, **Supplemento Settimanale de La Gazzetta dello Sport**, 18 de maio de 1950. A reportagem mostra a foto de quatro atletas negros com instrumentos musicais, ao que parece, improvisando um samba. “Balthazar, Tesominha, Arango e Adam Domelles”.

⁷⁴ Cf. “1958: nel paese delle bionde nasce una perla nera”, *L’Europeu*, nº 28, 9 de julho de 1970, encarte especial: “Storia della Coppa Rimet”. O verbete “Globetrotter” do dicionário da Placar apresentava a seguinte definição: “Jogador malabarista, de extrema habilidade no manejo da bola”. E acrescentava: “Por analogia à famosa equipe de basquete americana **The Harlem Globetrotter**” (grifos da revista) Cf. “Dicionário de Futebol”, **Revista Placar**, nº 96, 14 de janeiro de 1972. A referida equipe, criada nos anos vinte em Chicago, reunia atletas negros no contexto da segregação racial então vigente nos esportes americanos. Cf. Bass, Amy. *Not the Triumph but the Struggle: The 1968 Olympics and the Making of the Black Athlete*. University of Minnesota Press, U.S.A., 2002.

⁷⁵ Cf. “Quem corre, não pensa”, **Revista Placar**, nº426, 23 de junho de 1978. Angel Labruna, legendário jogador da Seleção Argentina, em uma partida contra o Brasil, realizada no Pacaembu, na primeira metade dos anos quarenta pôs em prática um plano para “perturbar” Leônidas da Silva que “estava jogando demais”. Como recordava o argentino: “Recuei um pouco, lembrei-me de que ele não gostava de ser chamado de ‘macaquito’ - e passei o tempo todo a mexer com ele”.

de que, nos campos da Europa, ainda não apareceu um malabarista, um improvisador como Leônidas.”⁷⁶ Decorridos vinte anos do furor causado na França pelas exibições do artilheiro do certame, a *Manchete Esportiva* destacava na Copa da Suécia as atuações de Didi, considerado pela imprensa estrangeira como uma mescla de “artista, malabarista e jogador de futebol”.⁷⁷

O discurso da imprensa nacional, desse modo, oscilava entre duas posições extremas e opostas a respeito do jogador-malabarista. Se, na vitória, ela o reivindicava e assumia como o emblema da brasilidade; na derrota, em contrapartida, ela o repudiava como a causa do nosso insucesso futebolístico. A narrativa da imprensa europeia, como salienta o antropólogo Arlei Damo, não se mostrava menos incongruente na apreensão de uma personagem dotada de um “estatuto exótico”.⁷⁸ Uma verdadeira atração, sem dúvida, mas cujo elogio comportava sempre uma dose de ironia e deboche, cuja crítica deixava entrever sempre uma ponta de admiração e fascínio. Esta ambivalência, de acordo com Homi Bhabha, constitui por sua vez o cerne da estratégia discursiva elaborada com base no estereótipo, concebido como um “modo de representação complexo, ambivalente e contraditório” da alteridade.⁷⁹ A construção simbólica do sujeito da diferença racial e cultural representada pelo malabarista da bola “vacilava” entre o “já conhecido”, o que se encontrava “no lugar”; e o que devia ser “ansiosamente repetido”, continuamente “provado”, à medida que não cessava de se deslocar através da cadeia de significados montada para transformá-lo em um ponto de identificação seguro.⁸⁰

A imprensa europeia reconhecia repetidamente o jogador negro como malabarista e o futebol brasileiro como *circo*. Esta imagem duplamente

⁷⁶ Mazzoni, Thomaz. **O Brasil na Taça do Mundo: 1938**. São Paulo, Edições e Publicações Brasil, 1938, p.43. Conforme assinala Arlei Damo, havia ambiguidade no reconhecimento, pois os brasileiros eram, por um lado, “elogiados pela técnica individual, pelos malabarismos e pelo desdém com o resultado”, enquanto, por outro lado, eram “tratados como indolentes, indisciplinados, incapazes de atuar coletivamente”. O ethos capitalista e o espírito das Copas. In: Édson Gastaldo e Simoni Lahud Guedes (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói, RJ, Contexto Editora, 2006, p.54.

⁷⁷ Citado In: “Didi, o ‘craque do Mundo de 58’”, **Manchete Esportiva**, edição da epopeia brasileira, 5 de julho de 1958.

⁷⁸ Cf. Arlei Damo, op. cit., p.54.

⁷⁹ Bhabha, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: **O local da cultura**. Belo Horizonte, UFMG, 2007, p. 110.

⁸⁰ Idem; ibidem, p.105

estereotipada, no entanto, comportava leituras equivocadas e implicava interpretações contraditórias, pois, se, para os que se acreditavam detentores do monopólio da racionalidade ocidental, o espetáculo *circense* suscitava ao mesmo tempo “escárnio e desejo”, “fobia e fetiche”, “reconhecimento e recusa” da diferença;⁸¹ para os que reivindicavam participação em uma suposta razão prática universal o emblema da brasilidade não podia deixar de causar certo embaraço e de suscitar alguma confusão. Afinal de contas, o “acrobata” da bola refletia uma tradição autêntica da nossa cultura futebolística, ou, ao contrário, constituía-se como a cristalização dos efeitos de um discurso neocolonial interiorizado e convertido em falsa consciência? Para parafrasear Marshall Sahlins: os nativos estavam condenados a se recriar de acordo com a imagem que os europeus lhes haviam fabricado, ou, inversamente, a prática “ancestral” do jogador brasileiro subvertia a racionalidade que os europeus acreditavam encarnar no campo esportivo?⁸²

Seja como for, o show não para. Em 1966 o selecionado nacional foi para a Copa da Inglaterra levando na bagagem o repertório de jogadas com as quais supostamente havia hipnotizado os adversários e conquistado o bicampeonato. O Velho Mundo, no entanto, não estava disposto a se submeter mais uma vez aos poderes encantatórios do time de malabaristas da bola. Recorrendo à forma discursiva do estereótipo, as agências de notícias anunciavam o advento de uma nova ordem no futebol global: “Um inglês seguiu durante 20 anos as andanças de um circo de feras com o propósito de ver o domador ser devorado”. A France Press, dessa maneira, evocava a obra de Rudyard Kipling, escritor de origem indiana, identificado com o imperialismo britânico, para retratar a perda iminente da hegemonia futebolística, isto é, o “fim do domador brasileiro”.⁸³ A partida contra Portugal, porém, ficaria gravada na memória coletiva como a “caça” a Pelé.⁸⁴ Quer na posição do domador de feras, quer na condição de fera

⁸¹ Idem; *ibidem.*, pp.106/115/125.

⁸² Sahlins, Marshall. Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história mundial. In: **Cultura na prática**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2004, p.508.

⁸³ Cf. “Ingleses chamam Brasil de ‘domador de feras’”, **A Gazeta Esportiva**, 20 de julho de 1966. Sobre a identificação de Rudyard Kipling com o domínio colonial britânico, ver Said, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

⁸⁴ Cf. “Inimigo nº 1 do Brasil: o longo tempo perdido”, **A Gazeta Esportiva**, 20 de julho de 1966.

a ser abatida, de um modo ou de outro, o *circo* do futebol constituía-se como o lugar designado ao atleta afro-brasileiro. Todavia, por mais que o discurso do estereótipo procure contar “*sempre as mesmas histórias*”,⁸⁵ ele jamais consegue aprisionar o significado que o sujeito da diferença traz para o campo de jogo, tanto dentro quanto fora das fronteiras nacionais.

Recebido em 08.02.2014

Aprovado em 09.05.2014

⁸⁵ Cf. Homi Bhabha, *op. cit.*, p.120.